

A FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO¹

Célia Maria Ferreira da Silva Teixeira²

RESUMO

A autora desenvolve uma reflexão sobre a intersecção entre família e escola, dando destaque aos aspectos relativos ao sistema familiar numa época de transição de valores, época que também atinge o contexto da escola. Ressalta a metodologia psicodramática como possibilidade de se construírem novas leituras, ampliando o espaço de conversação entre família e escola.

Palavras-chave: psicodrama, educação e família, ambiente escola-experiência pedagógica.

Falar sobre o tema Família e Educação remete-me ao meu papel profissional e às minhas atribuições como psicodramatista, educadora e terapeuta de família saúde integral do adolescente no setor público.

Abordar o assunto família e educação, entendido aqui como o espaço da escola, submete-me indiscutivelmente à compreensão dos movimentos que esses dois segmentos têm realizado ao longo da história.

Não importa, entretanto, realizar uma digressão sobre como se efetivaram esses movimentos, pois ganham importância apenas alguns aspectos. Assinale-se que a família como sistema interacional – aberto e em movimento – tem passado por mudanças que correspondem às da sociedade e assumido ou renunciado ainda às funções de proteção e socialização de seus membros em resposta às necessidades da cultura.

Afirma-se, portanto, que a família vem abrindo mão do seu papel de primeira instância, qual seja, a socialização da criança.

Por outro lado, espera-se que ela seja capaz de proporcionar o ambiente adequado para a aprendizagem do ser humano, facilitando o intercâmbio de informações com o universo.

Essas funções, pois, são incumbência da família. Qual seria então o papel da escola?

Sabemos que educar significa, na acepção da palavra, colocar para fora o potencial do indivíduo e ensiná-lo a colocar signos para dentro de si.

Pensar no processo educacional desejável para o homem implica, no mínimo, levar em consideração três aspectos: 1) os institucionais; 2) os vínculos familiares; 3) o ambiente escolar.

Tanto a escola quanto a família parecem viver hoje momentos de perplexidade, sem definição de como conciliar as necessidades do mundo moderno, de uma sociedade em mudança permanente e em crise de valores.

É fato também que a instituição escolar tem um papel fundamental, vital sobretudo, no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente, por ser uma simulação da vida, na qual existem regras a serem seguidas.

É comum perceber que a relação do aluno com a escola é afetada pela significação que os pais dão a essa relação, aos estudos do filho e às relações com as pessoas.

Sabe-se, outrossim, que os pais que enfrentaram escolas muito rígidas tenderão a escolher para os filhos uma escola que julguem permissiva e que, portanto, “compense” a sua vivência passada; ou, ao contrário, optarão por uma escola mais tradicional, mais “dura”, que torne seus filhos “tão educados” quanto eles mesmos.

Apesar de estarmos focalizando separadamente alguns aspectos da família e da escola, não é nosso propósito estabelecer diferenças. Família e escola têm papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, pois ambas visam àquele que aprende: filho e educando.

Mas e o que tem a prática desses dois segmentos demonstrado? Existem queixas e um clima de acusação entre os dois sistemas: qual é o responsável pela educação? (e de que educação estão falando?) A repetição de queixas nos coloca diante de um pensamento linear: cada um coloca no outro as causas de problemas e dificuldades. Há aqueles que se referem ao fato de a família dispensar pouca atenção aos efeitos que a escolarização exerce

sobre seus membros, e aqueles que culpam a escola de minimizar a presença da família na aquisição dos conhecimentos, do saber.

Na realidade é inconcebível estabelecer uma linha divisória entre família e escola, pois uma criança, quando vai à escola, leva consigo, internalizada, sua família, que, a seu turno, tem interiorizada a história de sua família de origem. Como lida a escola com tal aspecto? Interessa a ela ouvir e decodificar um conjunto de histórias de um outro contexto, indo além de suas intenções, de caráter eminentemente pedagógico ?

A família depara-se com desafios postos pela sociedade. Os padrões tradicionais vêm sofrendo a influência da vida urbana de hoje. A vida moderna, antes caracterizada pela cooperação e a noção de comunidade familiar, é hoje marcada pela competição e pelo individualismo.

A transformação nas relações da educação, em especial no plano da autoridade, reflete-se não só no contexto da família nuclear, mas também no espaço da escola, onde educadores e educandos vivem mudanças na forma de se relacionarem. A busca de um relacionamento igualitário e o confronto com regras estabelecidas estão sempre presentes na conduta dos jovens em suas vivências familiares e escolares.

Família e escola vivem as conseqüências da ação transformadora da sociedade, que enfatiza padrões de condutas considerados "normais", e como tal, aceitáveis.

Embora comportem relações do tipo igualitário, família e escola implicam autoridade, em decorrência de sua função de socialização.

É possível integrar esses dois espaços de referência no desenvolvimento da criança e do adolescente. É possível ainda transformar as diferenças entre esses dois contextos (família e escola) numa complementaridade saudável e necessária.

A escola pode resgatar o potencial educativo da família e esta pode tornar-se mais consciente dos desafios vividos pelo professor em face da complexidade do processo de educar nos tempos atuais. A instituição escolar precisa capacitar-se na construção de uma relação que consiga articular com a família novos saberes, novos padrões interacionais. Mas como pode isso ser possível ?

Acredito que, sendo ambos contextos de mudanças, poderão abrir espaços para refletir suas ações e legitimar suas práticas.

Voltemos, no entanto, à questão: Como é possível articular

esses dois contextos ? De um lado a família vive e luta não só para entender os movimentos vividos por seus membros na conquista da individualidade, mas também para se manter viva. Sabemos que certos aspectos da conduta dos jovens como irresponsabilidade, instabilidade e tendência permanente à autonomia são expressos tanto no núcleo familiar, como também na escola.

A escola, por sua vez, ao deparar-se com esse desafiador procedimento dos jovens, recorre, a cada dia com maior frequência, à família. Contudo, nem sempre constatamos uma relação estreita, de parceria – basta focalizar uma família com filhos adolescentes.

Outro fator preocupante são as famílias que, em face das carências criadas pela sociedade, vêem-se obrigadas a “expulsar” seus próprios filhos da escola, para que ajudem no sustento da família. E qual tem sido, entretanto, a atitude da escola diante desse fato?

Num outro extremo, encontra-se o adolescente que vive o momento da escolha profissional, momento que o lança na difícil tarefa de tomar decisões. Nessa situação participam o sistema familiar, os amigos e a escola. Vivendo com maior ou menor intensidade esse período estressante, ele “joga” na família ou na escola – os dois contextos de vida do adolescente – seus anseios, suas esperanças, suas preocupações e seus temores. Como exemplo basta citarmos o vestibular.

Mas o que tais contextos conseguem realmente fazer pelo adolescente ?

A escola, no dia-a-dia, torna-se palco de grandes guerras, onde estaria acirrada a disputa pelo poder de quem sabe mais, quem será mais brilhante no vestibular. Ao invés de significar uma grande ajuda, a escola torna-se assim o locus de grandes disputas, onde se aprende menos o saber do que o viver estressado, desconfiando da própria capacidade, pondo à prova o equilíbrio emocional.

A família, por sua vez, nem sempre pode ser apontada como o lugar seguro para se falar de vestibular, dos medos e incertezas. Claro que não se pode generalizar, mas é bastante comum encontrar um elevado número de famílias que “vive” o vestibular tão intensamente quanto seu filho adolescente. Afinal, em que aspecto isso o ajudaria ? A realidade deve ser enfrentada, mas por que não evitar tantos comentários e comparações? Família e escola, impensadamente, deixam de lado a função de acolher e conter, de forma tranqüila, os sintomas reveladores da angústia do adolescente.

Quem sabe a escola avance em sua proposta e consiga ser menos agressiva e mais orientadora. Quem sabe a família consiga encorajar seus filhos, abrindo mão do filho brilhante como cartão de apresentação.

Minha experiência como professora de Psicologia na área de educação e psicodrama tem apontado, constantemente, para a importância de o educador aprofundar-se nos estudos da dinâmica existente entre escola – pais – família, e para o fato de que esse elemento conjugado deve ser capaz de construir novos padrões relacionais e cumprir seu papel sem delegar um ao outro funções que são da competência de cada um.

E é nessa perspectiva que acreditamos ser o método psicodramático de Moreno capaz de devolver às pessoas seu potencial para desempenhar um papel ativo. Confiamos em que possam, através desse método, escapar do determinismo de certas condições da realidade, oportunizando o surgimento de papéis novos ou respostas novas a situações conhecidas.

Cabe aqui mencionar que o Psicodrama tem sido de extrema importância na minha práxis do consultório à instituição, do contexto terapêutico ao contexto escolar, do trabalho com a família à atuação com professores.

Desenvolvi, durante o mestrado, uma pesquisa de significativa experiência e gostaria de relatá-la aqui. A pesquisa, realizada no contexto da escola, tem como base de sustentação a teoria sistêmica no que diz respeito ao relacionamento família–adolescente. Esse experimento evidenciou a excelência da metodologia psicodramática.

O trabalho com os pais, desenvolvido em forma de grupos, alcançou a dimensão educativa–preventiva. Os pais conseguiram resgatar as possibilidades de reinvestir em outras formas de leitura da realidade. E a família passou a ser percebida como um sistema capaz de alterar sua estrutura interna, incorporando novas informações, inclusive as provenientes da escola.

A escola, assim, capacita-se na construção de um contexto que consiga articular com a família novos saberes, visando ao processo da educação de seus filhos / educandos.

Por que criar uma linha divisória entre família e escola? Uma teme a outra, vivendo, por vezes, o sentimento de desconfiança; ou, pior ainda, delegando a uma ou outra atribuições e expectativas que traduzem a idealização do papel de cada uma.

Numa sociedade em plena transformação, a escola encontra-se também insegura, sem saber redefinir o seu papel, desconhecendo que a família pode, em certos momentos, funcionar (usando a linguagem do Psicodrama) como ego-auxiliar de suas ações.

Do ponto de vista da família são formulados questionamentos sobre a competência da escola ou, contrariamente, nesta é depositada cada vez mais a responsabilidade de educação dos filhos.

A não-definição de como deve se dar a intersecção escola-família reproduz, entretanto, o movimento característico da relação dialética entre família e sociedade.

É preciso acreditar no potencial criativo de cada pessoa dentro da escola, na sua capacidade de empreender um projeto que vise a mais acolher pais e a inverter os papéis: de quem ensina e de quem abriga na intimidade da família crianças e jovens.

Não precisamos esperar o novo milênio. Antes da virada do século, novas mudanças devem ser operadas, a começar pelos cursos de formação de educadores. Defendo a inclusão das teorias sobre família no currículo desses cursos, pois ela constitui a matriz de todo o desenvolvimento da pessoa. Defendo também a inclusão de metodologias de trabalho coletivo, como o psicodrama, que viabiliza a construção de novas leituras, em que há espaço para a conversação, o diálogo entre família-escola.

Dissemos inicialmente que a família está presente na escola, através do filho. Acrescento ainda: criando-se novas formas de trocar experiências, novas narrativas serão construídas. Modificando-se a maneira de pensar, reorganiza-se o fazer, o que incide num trabalho que possa produzir algo novo, atingindo, assim, a proposta de Moreno : “o homem, um ser em movimento, recriando e transformando suas relações com o outro, com o mundo”. Então, pode-se conduzir o pensamento para a idéia de que família e escola vivam, muitas vezes, uma relação difícil, mas plenamente possível.

ABSTRACT

The author reflects on the intersection between family and school, highlighting the aspects related to the family system at the time of transition of values, that also affect the school context. The author emphasizes the psychodramatic methodology as a possibility of building new ways of seeing the relationship between family and school, thereby increasing the space for dialog between them.

KEYWORDS: psychodrama, education and family, school means, pedagogic experience.

1 Texto elaborado para exposição na mesa-redonda “A família na Educação” – I Encontro Nacional entre Psicodramatistas e Educadores e V Encontro de Psicodrama da Regional Centro-Oeste – Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – set./1998.

2 Professora da Faculdade de Educação. Coordenadora do Necasa/UFG. Mestre em Educação Brasileira – FE/UFG – Doutoranda em Psicologia – UnB.